

ABANO LÉQUIO REFRESCO, ACESSÓRIO, LINGUAGEM E ARMA

Leque é a forma abreviada da expressão portuguesa Abano Léquio, sendo esta última palavra relativa às ilhas Léquias situadas a sul do Japão. Flabelo é o termo latino que se refere aos leques utilizados na antiguidade clássica e pelas civilizações ocidentais, daí que o flabelista seja o colecionador de leques e o flabeliógrafo, o historiador. O leque, como hoje o conhecemos, é um instrumento utilitário para refrescar o ar e um adereço, originário do Extremo Oriente, mais precisamente da China no século VII e, posteriormente, do Japão, onde praticantes de artes marciais o usam também como arma.

Os leques mais antigos, geralmente de grande porte, movidos por escravos, foram encontrados em civilizações como a Egípcia e a Assíria há mais de 3000 anos, e serviam para além de refrescar o ar, afastar insectos e resguardar dos raios solares, daí que se mantenha a designação flabelo para o mesmo objeto, com características semelhantes, usado nos cerimoniais cristãos. Na mitologia grega o leque está também associado a Zéfiro, a entidade responsável pelo vento Oeste, cuja asa foi arrancada por Cupido, para que este abanasse a sua amada Psique.

Trazidos do Japão pelos portugueses, em meados do século XVI, foram introduzidos por Catarina de Mé-

dics na corte francesa, tornando-se símbolo de poder, luxo, elegância e erotismo. O seu uso disseminou-se por toda a Europa, tendo atingido o seu esplendor no reinado de Luís XIV. Referência também para o desenvolvimento de uma linguagem muito própria, ousada e secreta que era feita através do leque. A título de exemplo, as mulheres espanholas, reprimidas por uma série de convenções sociais, comunicavam com o abanico de uma forma muito peculiar.

Mantendo-se em uso até 1930, de rígidos, passaram a retrácteis, bordados ou pintados, de uma ou dupla face, dos mais diversos materiais: papel, madeira, bambu, casca de tartaruga, penas, marfim, seda ou tafetá, pergaminho, rendas, plumas, madrepérola, laca, prata e ouro. Os temas pintados ou bordados da parte constituinte da folha vão de mitológicos, campestres, florais, históricos até às cenas de género e comemorativas. Outros leques, mais indiscretos, podiam conter mensagens escritas, ou até mesmo espelhos na vareta mestra, para que as damas, desse modo, pudessem ver a movimentação ao seu redor.

O leque continua a ser um objeto pessoal cheio de simbolismo. Nas culturas orientais são oferecidos em ocasiões especiais e simbolizam a amizade, o respeito e a boa vontade.

**RESERVA
DE TRANSPORTES
DE TRACÇÃO ANIMAL
DOS SÉC. XVIII E XIX**

**4 DE MAR.
A JUN.**

Leque de dupla face
(estilo mandarim)
Madeira pintada,
lacada e papel
Pintado à mão
Séc. XIX, China

MAHR2013413

TEXTO: ASSUNÇÃO MELO

FOTOGRAFIA: MANUELA JULIANO

